



TEATRO: criação e construção de conhecimento

OCUPAR ESTE ESPAÇO

OCCUPY THIS SPACE

Alessandra Ancona de Faria¹
Instituto Avisa Lá
leleancona@hotmail.com

5

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre o sentido de ensinarmos teatro na formação de pedagogas. Parti de uma experiência específica, ocorrida na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP) em 2017, entretanto fiz referências a outras situações semelhantes, seja na própria UNICAMP ou fora dela. O trabalho realizado com as estudantes ocorreu dentro da disciplina "Educação, Corpo e Arte". Os encontros envolveram vivências de jogos teatrais e propostas de experimentações corporais que exploraram a percepção de si e do outro, realizando jogos que permitiram que as alunas se expressassem e brincassem, além da discussão de textos relativos ao ensino de arte e/ou criação artística e a preparação e apresentação de cenas coletivas. As análises dos discursos das estudantes, assim como das cenas apresentadas revelam aspectos importantes da estrutura da disciplina e denotam a minha concepção de ensino. Nela podemos observar a importância do diálogo com a memória sobre as diferentes situações vividas como alunas para poder refletir sobre sua futura atuação docente. O trabalho com o corpo também se mostra como aspecto estruturante para a compreensão das inúmeras possibilidades a serem exploradas. A presença da arte, seja por meio das criações realizadas, seja pela fruição também se mostra um potente caminho para esta reflexão, para a percepção de si, seja em suas relações pessoais, seja na sua constituição como docente.

Palavras-Chave: teatro-educação; corpo; memória; arte; improvisação.

Abstract

This article proposes to reflect on the meaning of teaching theater in the formation of pedagogues. I started with a specific experience, which took place at the Faculty of Education of the University of Campinas (UNICAMP) in 2017, however, I made references to other similar situations, whether in UNICAMP itself or outside it. The work carried out with the students occurred within the discipline "Education, Body and Art". The meetings involved experiences of theatrical games and proposals of corporal experiments that explored the perception of self and the other, performing games that allowed the students to express themselves and play, as well as discussing texts related to art teaching and / or artistic creation and the preparation and presentation of collective scenes. The analyzes of the students' speeches, as well as the scenes presented, reveal important aspects of the structure of the discipline and denote my conception of teaching. In it we can observe the importance of dialogue with memory about the different situations experienced as students to be able to reflect on their future teaching performance. The work with the body also shows itself as a structuring aspect for the understanding of the innumerable possibilities to be explored. The presence of art, whether through created creations or through

¹Doutora em Educação pela PUC/SP, Mestre em Teatro pela ECA/USP, Especialista em Teatro e Dança pela ECA/USP, Graduada em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina. Autora do blog: www.teatronasaladeaula.com.br.



enjoyment, also shows itself as a potent path for this reflection, for the perception of self, whether in its personal relations or in its constitution as a teacher.

Keywords: theater-education; body; memory; art; improvisation.

Este artigo se propõe a refletir sobre o sentido de ensinarmos teatro na formação de pedagogas.² Partirei de uma experiência específica, ocorrida na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP) em 2017, entretanto farei referências a outras situações semelhantes, seja na própria UNICAMP ou fora dela.

Em minha pesquisa de pós-doutorado investiguei as semelhanças e as diferenças nas imagens sobre o significado da profissão docente para estudantes de licenciatura e professores em exercício, partindo da narrativa sobre as histórias de vida e da improvisação teatral sobre elas. Tal improvisação partiu dos elementos da cena e das memórias dos participantes sobre seus professores.

O trabalho realizado com os estudantes ocorreu dentro da disciplina “Educação, Corpo e Arte” e foi meu primeiro contato com esta disciplina que faz parte do currículo do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP.

No momento da pesquisa, o percurso da disciplina esteve atrelado aos seus objetivos sem que se afastasse, porém, de sua proposta, conforme está descrito por Albano em suas memórias:

Em 1999 as professoras Carmen Lucia Soares, Eliana Ayoub e eu criamos a disciplina “Educação, Corpo e Arte”, no curso de Pedagogia, que, posteriormente, foi compartilhada também com a professora Márcia Strazzacappa e com o professor Adilson Nascimento de Jesus. (...) Planejamos uma disciplina essencialmente prática, que não proporia um manual de atividades a serem repassadas na escola, mas cujo objetivo seria

promover vivências que possibilitassem aos alunos reverem e ressignificarem sua relação com o corpo e com a arte e, posteriormente, refletirem por que e como incluí-las (ou não) no currículo. Quando a nova disciplina foi criada, a Faculdade de Educação não possuía, ainda, uma sala adequada para atividades corporais. (...) Uma grande conquista da “Educação, Corpo e Arte”, foi a criação de uma sala para trabalhos corporais na Faculdade de Educação: com piso de madeira, sem carteiras, onde precisamos entrar sem sapatos. Ao retirarmos os sapatos e sentarmo-nos no chão, no colchonete ou em bolas grandes, já estamos sendo convocados para uma outra atitude diante do trabalho. Existem cadeiras que podem ser usadas para algumas atividades ou para quem não consegue sentar no chão. Uma coisa é ensinarmos que existem muitas formas de aprender, outra, muito diferente, é possibilitarmos que os alunos experimentem ambientes de aprendizagem diversos. A sala ED03 foi nossa contribuição para a diversificação dos ambientes de aprendizagem. (Albano, no prelo)

Em 2017, já como professora responsável pela disciplina, estruturei o curso de maneira a oferecer esta experiência com a arte, mas com enfoque no teatro, por ser a linguagem que pesquiso. O curso foi oferecido dentro das condições previstas, o que significou 15 encontros de quatro horas cada, todos eles na sala ED03.

Destes quinze encontros, seis foram para vivência de jogos teatrais e propostas de experimentações corporais, dois foram para apresentação do curso e dos alunos e avaliação final, dois para a discussão de textos relativos ao ensino de arte e/ou criação artística, um para assistir a um filme, um para um evento da faculdade e três para preparação e apresentação das cenas coletivas.

² Será utilizado o feminino pela enorme diferença numérica entre mulheres e homens nesta profissão, embora contrarie a norma da língua portuguesa.



Como instrumentos de avaliação do curso foi proposto a elaboração de uma cena coletiva que servisse como uma reflexão sobre a disciplina e sobre questões presentes em suas vivências e reflexões. A escolha sobre o que apresentar cenicamente ficou totalmente nas mãos das alunas. Esta cena, além de apresentada, deveria ser acompanhada de um texto reflexivo sobre os motivos de sua escolha. O segundo instrumento avaliativo foi um relatório reflexivo, que pôde ser feito individualmente ou em dupla, no qual deveria ser apresentado os aspectos mais relevantes do curso, estabelecendo relações com os textos trabalhados em sala de aula.

Foi feita a sugestão de que cada aluna escrevesse um diário de bordo sobre cada aula, que não seria compartilhado, mas que poderia, no entanto, fazer parte do trabalho final. A sugestão desta escrita semanal deveu-se ao fato de que muitas sensações e ideias que são vividas no momento da prática corporal se perdem com o passar dos meses. Outro aspecto que justificou esta solicitação foi o fato de que o ato de escrever sobre uma experiência criativa pode ser uma maneira de dar-se conta de aspectos experimentados, nem sempre conscientes, podendo tornar-se um instrumento potente de absorção e reflexão sobre a experiência vivida.

No cerne da atitude filosófica está a consideração dos problemas que a realidade apresenta. Os problemas estimulam a atitude filosófica que é, ela mesma, um gesto de problematização. *Refletir* é a marca da atitude filosófica. Voltar-se para a realidade criticamente, com o propósito de vê-la com clareza, com abrangência e com profundidade, não se contentar com as aparências enganosas, afastar os preconceitos, buscar novos ângulos de olhar. Para transformar o próprio olhar. E transformar a vida. No dizer de Comte-Sponville (2001, p. 16), é "(...) preciso filosofar: pensar tão longe quanto pudermos e mais longe do que sabemos. Com que finalidade? Uma vida mais humana, mais lúcida, mais serena, mais racional, mais feliz, mais livre (...)". (Rios, 2016, p. 27)

Terezinha Rios nos fala sobre a atitude filosófica, sobre o sentido de refletir como

uma maneira de apropriar-se do vivido, como forma de transformar a compreensão e com ela, a própria vida. José Saramago, em "O conto da ilha desconhecida", nos fala desta mesma necessidade:

(...) Tens com certeza um mester, um ofício, uma profissão, como agora se diz, Tenho, tive, terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa (Saramago, 1998, p. 32).

O pedido de um diário com os registros das aulas buscava este sair de si a partir do que foi vivido, do que foi sentido, da percepção de seu corpo. Poder refletir sobre um processo de quatro meses, perpassado por muitas outras aulas e vivências dentro e fora da universidade requer algum instrumento que ajude a ganhar distância, a sair da ilha sem perder as sensações que lá tiveram.

Para uma melhor compreensão sobre o que foi vivido neste processo, apresento os textos lidos, assim como o filme assistido. Tanto com relação aos textos como no caso do filme foram estabelecidos diálogos sobre o que foi significativo para o grupo nestas obras, assim como as relações percebidas com as propostas desenvolvidas na disciplina.

O primeiro texto apresentado foi "El arte de conectar razón y emoción" de Ana Angélica Albano e Graham Price (2014) e aborda o sentido da arte e do ensino de arte, estabelecendo pontes entre a percepção do artista e das crianças sobre o mundo e a obra de arte, discutindo as possibilidades de leitura das obras, assim como de criação.

Los artistas y los niños comparten su interés por la calidad del momento de creación. Los niños realizan sus actos en base a su necesidad



TEATRO: criação e construção de conhecimento

de crecimiento personal, buscan sentirse realizados. Los adultos creativos, como individuos formados e informados, buscan cambiar el mundo que los rodea, tanto física como mentalmente. “Los niños construyen la realidad de la sociedad para sí mismos; los artistas construyen nuevas realidades para la sociedad” (Ostrower, 1978, p. 130).

Como espectadores, se nos invita por tanto a buscar aquellas obras de arte que nos permitan vislumbrar nuestras propias asociaciones, que quizás nos perturben hasta el punto de proporcionarnos nuevas visiones de nosotros mismos o de las dimensiones sociales que habitamos. Si nos concedemos este tiempo, estaremos respaldando nuestro desarrollo continuo y la participación saludable de los miembros de nuestra comunidad. (Albano & Price, 2014, p. 99).

Apresentar um texto que se propõe a refletir sobre o papel da arte na formação humana e o sentido de criar buscou, neste momento do curso, ampliar os horizontes das alunas. Permitiu que olhassem para as propostas que realizamos com uma perspectiva ampliada sobre outras formas de arte, sobre outras linguagens artísticas e sobre as relações que elas estabeleceram e continuavam estabelecendo com a arte em suas vidas a fim de pensarem, desta maneira, no que poderiam ensinar aos seus futuros alunos.

O segundo texto foi discutido depois de um mês e meio de aula, intitulado “Uma análise possível para *O jogo teatral no livro do diretor*”, este texto de minha autoria apresenta os conceitos centrais dos jogos teatrais de Viola Spolin. Ainda que nossas propostas corporais e cênicas não estivessem todas diretamente relacionadas ao trabalho de Spolin, compreender a fundamentação de boa parte do que fizemos e conhecer possibilidades para o trabalho com os alunos foi o que me motivou nesta escolha.

O trabalho com o corpo, principalmente quando realizado com pessoas que não têm o corpo como seu instrumento de estudo e pesquisa, corre o risco de ser vivido com uma grande intensidade emocional e, quando não se fornece as maneiras de compreensão sobre

o que foi vivido, pode ficar inacessível para a própria pessoa. A experiência é experimentada como algo isolado, proposta por alguém da área, mas inatingível. Desta maneira, conhecer os teóricos que pensam a respeito e refletir sobre o que se passou são instrumentos potentes para apropriar-se das práticas e da possibilidade de continuidade.

Perguntei-me então, o que faria um “verdadeiro ator japonês”. Naturalmente, evoquei os ensinamentos do *nô*. No teatro *nô*, aquilo que desejamos exprimir não se manifesta através de movimentos externos. Tudo acontece no *hara* (o *hara* está localizado anatomicamente na região do baixo ventre, sendo tomado como o centro energético do indivíduo e da consciência de si mesmo). Se a consciência de si mesmo estiver interiormente clara e firme, então a intenção que procuramos expressar torna-se exteriormente visível (Oida, 2012, p. 21).

Ter clareza sobre o gesto, sobre o que se deseja expressar é certamente uma busca dos atores, a busca por saber de onde parte. O que se quer mostrar é um caminho para se conhecer, para saber mais sobre as possibilidades da linguagem teatral. Mas, independentemente de estarmos trabalhando com atores ou não, ter consciência de si é um caminho para a conexão com a capacidade criativa.

A terceira referência apresentada para o grupo de alunas foi o filme “Como estrelas na terra”, dirigido por Aamir Khan. Neste filme, um aluno com dislexia se encontra com um professor de artes, que também tem dislexia, e neste encontro é possível acompanharmos o papel exercido pela arte na formação de alguém que não se enquadra no padrão de normalidade exigido em boa parte das escolas.

Além da beleza do filme, o que já seria motivo suficiente para apresentá-lo para este grupo, esta escolha permitiu refletirmos sobre a necessidade de que cada aluno seja visto em sua individualidade, além de possibilitar a reflexão sobre a diversidade necessária na educação para que possamos tocar a todos.

O mundo



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

— *O mundo é isso* — revelou — *um montão de gente, um mar de fogueirinhas.*

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais.

Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (Galeano, 1991, p. 13).

Neste movimento de olhar para si, para as características da própria fogueira e para os outros, fossem os colegas de turma ou os futuros alunos, fomos experimentando o corpo e criando com ele, alimentadas pelos autores que nos ajudaram a pensar e a compreender o que era vivido.

As propostas corporais exploraram a percepção de si e do outro, realizamos jogos que permitiram que as alunas se expressassem e brincassem. Alguns jogos tradicionais como “pega-pega” ou “coelhinho sai da toca” fizeram parte de nosso repertório. Tivemos momentos de relaxamento, de automassagem ou de massagem no outro. A improvisação guiou nosso caminhar pela experimentação cênica. Algumas delas foram feitas partindo de lembranças escolares.

CENAS APRESENTADAS

Para a apresentação de uma cena, trabalho solicitado para avaliação da disciplina, o grupo se dividiu em dois, sendo um deles com 7 participantes e o outro com 22. A definição sobre os agrupamentos foi delas, não tendo nenhuma interferência minha, exceto com questionamentos sobre a possibilidade de realizarem a proposta com a formação escolhida.

Eu não participei da elaboração das cenas, mas me dispus a acompanhar os ensaios e

auxiliar no que fosse necessário. Os dois grupos quiseram a minha colaboração depois que já estavam com as cenas montadas e ouviram minhas sugestões referentes tanto aos conceitos apresentados quanto às soluções cênicas que poderiam ser melhoradas. Cada grupo entregou uma síntese explicando a proposta da cena e sua justificativa.

O grupo de sete pessoas estabeleceu um paralelo com “Alice no país das maravilhas” e explicou o trabalho com o texto a seguir:

A ideia inicial do formato do teatro surgiu de uma das integrantes do grupo, que já havia tido algumas ideias e feito um texto no papel.

Lemos e gostamos muito, logo no primeiro contato com o texto de “Alice vai à escola”.

Sendo assim, o grupo deu uma passada no texto com as explicações das personalidades de cada personagem dadas pela autora. Então, a partir daí o texto inicial foi compartilhado com o grupo para que pudéssemos debater e incorporar as cenas de acordo com a base já escrita, acrescentando coisas e alterando de acordo com a opinião do grupo. Foi incrível perceber como cada membro coincidiu com o seu personagem, seja o jeito de ser ou até mesmo em suas características físicas.

Após esse primeiro contato tivemos seis ensaios nos quais, em cada um deles, fomos incluindo mais elementos que achávamos pertinentes ao contexto da estória. Com os vários ensaios que se seguiram, pudemos perceber a melhora na qualidade das interpretações, assim como as movimentações de corpo dos alunos/atores. No início não íamos fazer cenário e nem maquiagem, mas após algumas conversas, percebemos que cada detalhe faria uma grande diferença para cada personagem, pois isso ajuda também o ator a entrar na personagem.

Os jogos teatrais vistos durante a disciplina de “Educação, Corpo e Arte”, tiveram papel fundamental na construção da encenação, criando uma interpretação mais rica em detalhes e elementos. Alguns exercícios vistos em sala de aula como o “Jogo do Espelho”, o “Objeto Imaginário”, “Gritos e Sussurros”, “Relaxamento”, “Modelagem”, e uma alusão ao jogo “Coelho Sai da Toca”, foram incluídos no contexto da peça. Os personagens dos Gêmeos foram perfeitos para o exercício do “Jogo do Espelho”, que se traduziu em movimentos marcados mais típicos para

FARIA, Alessandra Ancona. Ocupar este espaço. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 5 N. 2, 2017, p. 05- 21.

Organização de Dossiê: Lucia M. S. S. Lombardi e Thaíse Luciane Nardim.

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

meninos brincalhões, e em falas uníssonas e movimentos iguais ao longo da cena. No começo as meninas sentiram um pouco de dificuldade para sincronizar os movimentos, mas com muito treino e dedicação conseguiram alcançar os seus objetivos.

O uso do “Objeto Imaginário”, que se personificou numa “fonte/chafariz” dentro da cena, acrescentou um detalhe especial, pois propiciou que quase todas as personagens pudessem interagir com o objeto, dando uma ideia de frescor à cena, que se desenrolava numa “sala de aula” dentro de uma floresta. Teve também a finalidade de enriquecer a cena teatral já que não dispúnhamos de grande quantidade de objetos de cena.

Os “Gritos e Sussurros” demonstrado pela personagem da Diretora/Rainha Vermelha, foi tentado a princípio com o tom de voz bem baixo, sussurrando mesmo, mas a acústica da sala em que nos apresentamos mostrou que o tom de voz deveria ser um pouco mais alto pois não era possível ouvir em tom de sussurro, então passou-se para um tom baixo de voz contrastando logo em seguida com o tom de voz alto, para chamar a atenção do professor Chapedawnlouquito. O exercício de “Flutuação” que seria usado em forma de “cadeirinha” para a entrada da Diretora/Rainha, foi substituído por outro movimento pelo fato de não estarmos muito seguros em relação ao equilíbrio de peso e força.

O papel da Lagarta escrito com um linguajar bastante alternativo no sentido de uso de gírias e ritmo lento ficou ótimo ao ser interpretado com o sotaque da aluna intercambista da Espanha. A mistura do sotaque da aluna ao estilo totalmente despojado da personagem Lagarta criou um momento divertido, que nos rendeu algumas risadas durante os ensaios. Para ela foi bastante difícil interpretar esse papel porque tanto a fala como os movimentos da Lagarta eram muito devagar e ela era bem mais acelerada do que isso. Foi tudo um desafio, mas com os dias de ensaio tudo foi melhorando até dar certo.

O personagem Senhor Coelho teve suas falas baseadas numa memória afetiva da autora. O personagem usou um dos recursos vistos em sala de aula que foi passar de um momento de agitação para um momento de mais calma, que foi totalmente adequado para a cena de quando o Senhor Coelho finalmente consegue se acalmar e sentar em sua cadeira.

O professor Chapedawnlouquito, durante a aula de dança, vai modelando a

personagem Alice no intuito de ensiná-la e incluí-la no grupo, esta cena foi inspirada no jogo de “Modelagem” visto em sala de aula. O professor ainda usaria a grande bola azul, material da sala de aula, para interpretar movimentos da própria professora da disciplina, mas o adereço teve que ser cortado porque a mesa onde o professor fazia sua entrada e pulava para a bola, sumiu e foi substituída por outra mesa que não demonstrava firmeza. A interpretação do professor condiz muito em como ser um professor diferente em uma aula. A aluna que fez o papel se sentiu muito à vontade para interpretar, pois ela tinha um jeito mais íntimo com o papel, como se ela já soubesse de toda a personagem, quando na verdade nunca tinha assistido a versão do filme de 2017.

A personagem Alice termina a peça teatral fazendo a conexão entre os sentimentos da personagem e os aprendizados obtidos durante a disciplina de “Educação, Corpo e Arte”, mostrando um sentimento de estranheza comum à maioria dos alunos no início do semestre e de como tudo “fez sentido” no final.

O texto entregue pelo grupo evidenciou as relações estabelecidas entre a montagem da cena e o curso, fazendo referências específicas aos jogos trabalhados em sala e também a um sentimento geral sobre a disciplina ao mencionar o estranhamento inicial em contraposição ao reconhecimento do sentido da proposta no final. A referência à bola azul deve-se ao fato de que eu tenha me utilizado desta bola em diferentes momentos da aula, para me sentar sobre ela ao invés de sentar no chão, como a maior parte das alunas fazia. Embora existam outras bolas disponíveis na sala, na maior parte do tempo eu fui a única a utilizá-la.

No relato das alunas é possível percebermos o envolvimento com a proposta, seja no cuidado com a escolha de figurinos e cenário, ou no tempo dedicado aos ensaios, que foram muito além das aulas previstas para tal. O cuidado com a escolha das cenas e a apropriação que foi feita dos jogos também denota o quanto significativa foi a experimentação teatral. O grupo de 22 alunas entregou como reflexão sobre a cena o seguinte texto:



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Para a elaboração da apresentação final da disciplina “Educação, Corpo e Arte”, em grupo, conversamos sobre as experiências e aprendizados mais marcantes deixadas por ela. A importância da criatividade e da liberdade de movimento em forma de expressão corporal e artística na educação foi um ponto evidente e comum a todos. Com o intuito de transmitir essa ideia por meio de uma peça de teatro, decidimos sintetizar o processo de uma vida inteira em uma narrativa de um dia do cotidiano de uma adolescente. O enredo é dividido em três principais partes. A primeira faz referência à infância. Essa fase é retratada de manhã na casa da personagem principal, Luiza, e é o momento em que a personagem está mais animada e corporalmente expressiva. A segunda já se inicia com a interferência da mãe, primeira personagem que representa a repressão e controle durante a história. Ao longo do enredo, Luiza interage com personagens como esta que, responsáveis por depreciá-la, limitam seus movimentos e sua expressão corporal dizendo-lhe que ela “não é mais criança” para ter certas atitudes. Passando pelo ambiente familiar e escolar opressivo, Luiza se vê totalmente coagida e, na tentativa falha de se libertar, dá um grito que marca o início da terceira parte. Nesta, surgem as cores como símbolo de esperança para recuperação de toda a criatividade reprimida. A roupa manchada de preto, que representa as marcas deixadas durante o dia, é tirada e uma saia colorida é colocada no lugar como forma de evidenciar o incentivo à mudança. Sem uma padronização ou qualquer limitação, as diversas cores dançam e interagem livremente envolvendo Luiza que, finalmente, reconquista a alegria e o movimento que tinha no início do dia. Demonstrou-se, assim, que as vivências no cotidiano interferem em nossos movimentos, percepções, em nossa liberdade e bem-estar, podendo causar problemas psicológicos, motores ou de socialização de acordo com as experiências e aprendizados que nos marcam.

Este grupo escolheu apresentar a cena no gramado em frente ao prédio no qual temos aula. Embora a amplitude do espaço tenha dificultado a audição do que era dito ou das músicas tocadas, o lugar escolhido possuía um tamanho que não apresentava qualquer limite para que todas as integrantes estivessem em cena e se movimentassem com amplitude, o que era uma demanda da cena final.

As alunas que cursam esta disciplina estão, em sua maioria, no terceiro semestre do curso, o que faz com que muitas ainda não tenham completado 20 anos de idade. A adolescência está muito próxima de sua experiência vital e junto com ela a influência dos pais e das amigas da escola. As dificuldades em lidar com o corpo e a opressão vivida em diferentes espaços sociais se manifesta para muitos em forma de depressão e tristeza. O quadro vivido nas universidades sobre a dificuldade de lidar com a depressão pode ser percebido não apenas nas conversas com alunos, mas também no número de programas de apoio que buscam minimizar este sofrimento de tantos.

A escolha por falar sobre as opressões vividas e concluir a cena com a libertação deste peso vivido no cotidiano está relacionada ao fato de perceberem a disciplina como uma maneira de lidar com diferentes aspectos desta mesma opressão, trazendo na exploração do corpo a possibilidade de tirar as manchas e colocar cores, ganhando *liberdade e bem-estar*.

A potência das cenas foi percebida tanto pela elaboração das mesmas, como pela alegria em realizá-las. Fazer teatro, se apresentar, ser grupo e receber o reconhecimento, seja nos aplausos, seja nos comentários foi um momento importante do curso. A alegria de criar é sempre bem-vinda.

Para além das apresentações foi solicitado um texto individual ou em dupla que fosse uma reflexão sobre o que havia sido vivido. Para tanto, deveriam comentar as propostas realizadas, os textos lidos e a participação na cena coletiva. No decorrer do semestre também solicitei que entrassem em contato com uma obra de arte, podendo ser uma visita a uma exposição de artes visuais ou um espetáculo de teatro, dança ou música. Este contato com a obra de arte deveria ser relatado como parte do trabalho final.

Apresento neste artigo estes comentários organizados em temas que agrupei pela afinidade apresentada. Trago

FARIA, Alessandra Ancona. Ocupar este espaço. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 5 N. 2, 2017, p. 05- 21.

Organização de Dossiê: Lucia M. S. S. Lombardi e Thaíse Luciane Nardim.

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

neste momento algumas falas, com frases pinçadas destas reflexões entremeadas com a minha percepção sobre o que foi dito por elas.

RELAÇÃO COM A FACULDADE

Nessa primeira aula fiz algo que não havia feito desde que entrei na Faculdade de Educação: conhecer a Faculdade de Educação.

As nossas lembranças transformadas em cenas foi algo que me marcou muito, faz eternizar momentos marcantes e nos faz reviver. Sem dúvida é algo que precisava ser trazido muito mais para nossas práticas acadêmicas.

Diferente da maior parte das matérias, em que temos uma pesada carga de leitura que norteia as discussões ou exposições feitas em sala de aula, na disciplina de “Educação, Corpo e Arte”, lemos poucos textos, e ainda assim, trabalhamos muito.

Atualmente vemos tantas discussões sobre o modelo escolar tradicional e como ele molda as crianças para um modelo que não é legal, já que não podem se mover nem se distrair. Debates muito isso na Faculdade de Educação, mas ver isso em prática foi ótimo.

Estas quatro frases escolhidas dentre muitas apontam aspectos importantes da estrutura da disciplina e denotam a minha concepção de ensino, assim como a concepção do Laborarte, grupo de pesquisa do qual faço parte na Faculdade de Educação da UNICAMP.

A primeira delas se remete a uma proposta na qual, após um breve relaxamento, propus que cada aluna entrasse em contato com o próprio corpo, que saíssem sem sapatos caminhando pelo prédio e arredores no qual o curso é dado. Foi feita a solicitação de que entrassem em contato com o espaço utilizando-se dos sentidos e que não falassem com ninguém durante todo o tempo. Ainda sobre o tempo, oriento que cada uma volte para a sala no momento que entender que seu caminhar terminou, não tendo um tempo previsto. Como esta aula tem duração de quatro horas e esta é a primeira atividade da aula, o tempo pode variar muito, e de fato variou.

Cada aluna se relaciona com o espaço, com as sensações e com o silêncio de uma maneira diferente. Para algumas é perturbador, mas para outras é uma experiência de contato, de estar presente, de entrar em relação com um espaço já vivido como um viajante, com a descoberta de quem se permite conhecer, se relacionar, sentir.

A segunda frase se remete ao fato de que no decorrer das propostas e improvisações foi solicitado que se lembrassem de diferentes vivências escolares. Lembranças do espaço, de relações, de professores. Partir do vivido como forma de pensar o professor que quer ser, como maneira de entender as escolhas possíveis, as marcas deixadas e as que podem ser criadas ou não.

Em minha pesquisa de pós-doutorado (Faria, 2014) estudei as relações entre o jogo teatral e as memórias escolares como forma de investigar a imagem docente. Esta pesquisa me mostrou a potência do uso das lembranças para repensarmos a docência, a escola, as relações construídas e a compreensão sobre que professor cada um consegue ser.

A terceira e a quarta frase apresentam a possibilidade de que o aprendizado se dê de diferentes maneiras, para além da leitura e da escrita. Apesar do enorme valor dado por mim à escrita e ao prazer estético e reflexivo que um texto pode proporcionar, reconheço as múltiplas possibilidades de conhecer, nas diferentes formas que a cultura nos oferece, em especial o conhecer através do corpo, por ser a linguagem artística a que me dedico e com a qual tenho maior fluência para me acercar das alunas.

Ressalto também, inspirada por Albano (2014), a possibilidade em oferecer textos que não sejam apenas acadêmicos, falar de arte por meio da arte, permitir que a poesia adentre as salas de aula e não apenas os espaços escolares, mas que converse com eles por intermédio do acesso a outros espaços, tais como museus, salas de exposição, teatros, centros culturais.



PAPEL DA ARTE

Para Lygia Clark e Hélio Oiticica, o artista é o propositor. “Nós somos os propositores: nós somos o molde. Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos”, diz Clark (1983). Como eles, somos também propositores quando lançamos nossos aprendizes na criação, na produção de sentidos, no enfrentamento do não saber... Como na experiência com a fita de Moebius, em “Caminhando”, obra de Lygia Clark, em 1964, movemos o outro e a nós mesmos para viver experiências estéticas, não mais da maneira espontaneísta da escola que só valorizava o fazer, mas na consciência de si, na percepção dos próprios processos de criar, pensar, produzir significados, de se colocar vivo na experiência, de compartilhá-la com outros na conversa que se torna espaço do diálogo, do enfrentamento, da diferença, da inquietude, da desaprendizagem de nossas amarras conceituais. (Martins, 2011, p. 314)

Martins ao apresentar as possibilidades da mediação cultural nos fala da importância de oferecermos ao outro, ao aluno a vivência de experiências estéticas. Em suas reflexões sobre a arte, as alunas refletem sobre as possibilidades criadas pelo contato com as obras:

Mais uma vez, a arte demonstrou seu poder de quebrar barreiras, mexer com estruturas e me transportar para dentro de mim mesma. Não consigo vislumbrar melhor facilitadora do diálogo entre o educador e o educando do que a arte.

A arte nos aproxima das crianças e a criança nos aproxima do mundo. Aquela obra me fez pensar a minha formação na faculdade e na disciplina. O quanto tinha aprendido e tomado consciência a respeito da sociedade, do meu papel como mulher e como futura professora. (...) A obra me causou inúmeras sensações e dúvidas, mas soube que, acima de tudo, aquelas mulheres protestando haviam se ocupado, ocupado seu corpo, ocupado suas angústias, seus medos e queriam ocupar seu espaço, seus sonhos e suas vontades.

Em suas reflexões, as alunas apresentam as transformações vividas pelo contato com as obras de arte. Cada uma escolheu com qual linguagem entraria em contato, se iria a uma

exposição ou a um espetáculo. Em muitos casos a escolha deveu-se às possibilidades de tempo, deslocamento ou de custear esta fruição. Mas estes limites não são os únicos vividos e, em alguns casos, transpostos.

É importante ressaltar que a universidade possui alguns espaços nos quais são montadas exposições, além de apresentações de música, dança e teatro, já que o Instituto de Artes oferece cursos destas linguagens. No entanto, a proximidade física do Instituto de Artes com a Faculdade de Educação não faz com que este intercâmbio se dê para todos os alunos.

Passar a ter sentido ver obras de arte.

O que eu entendi, daquela vez e hoje, foi: museu/lugar onde há arte para ser vista, pressupõe um estado de presença diferente, uma atenção diferente. Pressupõe um tempo diferente, um ritmo (de tudo) diferente. Supõe também uma desobrigação dentro desse tempo, por menor que seja. De tudo que há no mundo e eu conheço, é o que mais se aproxima de uma meditação ativa sem ser nominalmente uma. É entrega à sensibilidade.

É difícil descrever o que eu senti vendo essa obra. Ela me proporcionou uma calma no corpo, como se o tempo parasse por alguns instantes.

Ter tempo para si, tempo para entrar em contato, tempo para estar presente e deixar-se envolver, sentir *uma calma no corpo*. Estas falas explicam com beleza um dos princípios deste trabalho, da solicitação de que entrem em contato com uma obra de arte, que é a crença de que esta fruição é insubstituível, isto é, viver a experiência artística e estudar o que a arte possibilita não são a mesma coisa. Reconheço e valorizo a reflexão sobre o papel da arte na formação, porém o estudo sobre esta temática não substitui a experiência da fruição, são dois caminhos que se entrecruzam, que se alimentam.

A dificuldade de acesso a espaços culturais e a ausência de um desses espaços próximo da moradia é um dificultador para um maior aproveitamento e fruição da arte, mas outro fator que também se mostrou presente nas



conversas com estas alunas foi o fato de muitas não sentirem estes espaços como delas, não se reconhecerem como público para eventos artísticos e com isso, não serem de fato.

Estas falas também demonstram a presença do corpo na maneira de se relacionar com as obras e dele falaram longamente em suas reflexões.

CORPO

O corpo existe e pode ser pego.
É suficientemente opaco para que se possa vê-lo.
Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo.
O corpo existe porque foi feito.
Por isso tem um buraco no meio.
O corpo existe, dado que exala cheiro.
E em cada extremidade existe um dedo.
O corpo se cortado espirra um líquido vermelho.
O corpo tem alguém como recheio.
Arnaldo Antune

Quem são estes *alguéns* que ocupavam os corpos que vinham até a sala ED03 a cada manhã de quinta-feira? Eu, que me apresentava pelo meu corpo, também ia conhecendo as diferentes alunas com seus corpos. A cada cheiro e a cada gesto conseguia saber um pouco mais de cada uma e de todas elas, afinal esta relação é ao mesmo tempo coletiva e individual. Nas cenas improvisadas, nas memórias relatadas, nos gestos e movimentos criados e nas muitas conversas sobre o que ocorria com todas nós, fomos aos poucos nos reconhecendo. Eu a elas, elas a mim e cada uma a si mesma.

Parar de ignorar os sinais do próprio corpo.

Conhecer o próprio corpo, podendo refletir sobre sua importância como sujeito em um espaço.

Aula após aula, atividade após atividade, passei a me dar conta que o encontro não se limitava a arte, mas também com o meu corpo, com meus sentimentos, comigo mesmo e com todos ao meu redor, sendo o único momento da semana onde era possível me desligar dos problemas e encontrar tranquilidade. (...) Cabeça vazia e corpo tranquilo, duas peças importantes para a participação integral das aulas.

Perceber que a assimilação e produção de algo artístico passa pela sensibilização e reconhecimento de meu corpo.

Uma das coisas que a disciplina me proporcionou foi a certeza de que ninguém passa tanto tempo comigo do que eu mesma. Precisamos sentir nosso corpo, sentir nosso coração batendo, o pulmão enchendo e ficando vazio em poucos segundos, sentir nossa mão, nossos pés, tocar nossa perna. Conhecer-se.

Apesar de ter sido, por muito tempo, praticante de esporte, as atividades realizadas com o corpo me mostraram um terreno desconhecido.

A descoberta relatada nestas frases denota a distância de seus corpos vivida por muitas. Claro que esta distância não é concreta, afinal recheamos este corpo, como diz Antunes. Mas estas falas nos apresentam uma ausência perceptiva, reconhecida na falta de toque, no ignorar sinais e que passam a ser percebidas no pulsar do coração, no movimento do pulmão, nas mãos.

Conhecer o corpo de sua colega, poder mostrar-se com suas imperfeições, com aquilo que envergonha, com as características que não costumam fazer parte do saber acadêmico. Questionar o que se espera de um corpo feminino, romper com um universo por vezes sufocante, mas que nem sempre temos consciência do quão impositivo se mostra. Entrar em contato com o próprio corpo e com os outros abriu frestas, por vezes escancarou janelas.

Ressalto a importância dada ao respeitar o limite de cada uma. Em nenhuma proposta era obrigatória a participação, embora minha postura tenha sido de buscar a disponibilidade, de tentar me acercar do



desejo de cada uma para o movimento, para o contato.

O meu corpo também fez parte desta sedução, desta apresentação de possibilidades. Ainda que, na maior parte das vezes, a orientação às propostas tenha se dado pela explicação falada, em alguns momentos eu me movimenteie, dancei junto, mostrei com o corpo. Ver o corpo da professora se expor pode facilitar a exposição dos demais corpos. Perceber que existe uma condição de confiança permite mostrar as fraquezas, permite arriscar-se a fazer o que não se sabe ainda como será. Coloco meu corpo como parte, também para ser um modelo docente, para que não fique dúvida de minha crença de que a educação é feita no diálogo corporal de todos os corpos envolvidos.

Romper barreiras que eu nem sabia que existiam.

Somos criadas para ser e parecer bonitas sempre, logo, certos movimentos, certos personagens não são aceitos por nós e nem pelos outros, porque somos ensinadas a ter esta vaidade e esse receio de parecer ridículas.

Por essas razões o trabalho artístico com o corpo pode ser mais assustador para as mulheres.

Algumas questões corporais, que parecem bobas, já começaram a aparecer, nesse caso, dar a mão para um colega. Eu tenho hiperidrose (suor excessivo nas mãos e nos pés) e o fato de ter que tocar uma pessoa que eu não tenho intimidade me incomoda bastante, mas percebi que a turma estava se divertindo tanto, inclusive eu, que esse incomodo se tornou supérfluo.

E a problemática dos corpos permeou toda a disciplina, pois nos levou a fazer o seguinte questionamento: por que temos tanto problema com aulas corporais e com o toque?

Essas práticas exigiam concentração e não pensar em coisas ao mesmo tempo. É complexo quando podemos parar e desacelerar. O resultado disso, em algumas aulas, foi dor, o nosso corpo não para durante o dia, talvez isso nos leve às dores que muitas vezes senti com essa proposta, mas mesmo assim era um dos melhores momentos da aula, um momento fascinante, pois depois de

algumas aulas nós aprendemos a relaxar — e os nossos corpos também.

Se em alguns momentos a dor fez parte, se manifestou no desejo de relaxar ou no incomodo do toque, em outros foi deleite.

“Um encontro com o encanto”, e desta forma, é possível compreender e descrever o que as práticas teatrais proporcionaram para mim. O encanto foi evidenciado em todas as aulas, e a aula acontecia como um encontro, mantendo uma proximidade entre os corpos, entre os sujeitos, gerando um encontro semanal, um encanto gostoso de ser vivenciado.

Momentos que o corpo era lápis escrevendo no espaço da sala, a educação estava presente no espaço, porém, de forma a ser leve e empolgante.

A terceira e a quinta aula me possibilitaram ocupar meu espaço, esticar meu corpo, caminhar pela sala, tocar outro ser humano, tocar outra alma, outro ser, outra história.

Leio estas frases-presentes e sinto em meu corpo a alegria de possibilitar momentos de descoberta, de expressão, de ocupação do espaço, tanto o espaço interno, nos músculos alongados, nas vértebras esparramadas, como o externo nos encontros encantados, na possibilidade de que as almas chegassem à sala de aula.

SENTIMENTOS

Razão é quando o cuidado aproveita que a emoção está dormindo e assume o mandato. Emoção é um tango que ainda não foi feito. Ainda é quando a vontade está no meio do caminho. Vontade é um desejo que cisma que você é a casa dele. Desejo é uma boca com sede. Paixão é quando apesar da palavra “perigo” o desejo chega e entra. Amor é quando a paixão não tem outro compromisso marcado. Não. Amor é um exagero... também não. É um “desadoro”... Uma batelada? Um exame, um dilúvio, um mundaréu, uma insanidade, um destempero, um despropósito, um descontrole, uma necessidade, um desapego? Talvez porque não tivesse sentido, talvez porque não houvesse explicação, esse negócio de amor não sei explicar... (Falcão, 2001, p. 17).



Junto com o corpo chegaram os sentimentos. Me referencio na Adriana Falcão e trago para esta reflexão a importância de que o amor seja um sentimento presente. Não tentarei explicar um sentimento vivido de tantas formas. As minhas palavras não dão para tanto, mas sei sentir. Também entendo que é pela construção amorosa que posso acolher os corpos, as almas e os sentimentos de minhas alunas.

Poder mostrar os sentimentos.

As aulas eram muito imprevisíveis, isso me deixava em uma expectativa ansiosa o tempo todo.

Reflexão sobre quantas coisas me privo de fazer pelo medo do julgamento dos outros.
Uma válvula de escape.

Nas mais variadas posições, maneiras, velocidades, pouco a pouco fomos conhecendo nossos limites e experimentando novas sensações.

Usar essas experiências também foi uma forma de confrontar o passado e eliminar possíveis traumas.

É isso mesmo, me senti livre ao longo dessas aulas, achei o meu espaço, senti o meu corpo, e muitas vezes senti como se estivesse voando para um espaço até então desconhecido.

Esta aula me proporciona refletir meus medos, meus anseios, o estranhamento que tenho com aquilo que é diferente para mim.

Não tenho receita ou modelo para isso, tenho algumas referências que me ajudam a saber como permitir que os sentimentos façam parte. Parto do princípio de que os sentimentos podem ser mostrados, sejam eles tristes, alegres ou inclassificáveis. Busco não esconder os meus sentimentos, por mais que às vezes eu sinta vergonha ou fique na dúvida sobre em que medida devo deixá-los a mostra. Também me reconheço como responsável por este processo que desencadeio, é uma corresponsabilidade, pois estamos todas juntas, mas me mostro aberta para conversas e abraços. Não sou psicóloga e não acredito que ocupe este papel, mas posso ouvir, posso

acolher, posso aguentar as dores e as delícias expressas nas cenas e nos diálogos.

Ainda que esteja falando no singular, por reconhecer meu papel docente neste processo, este é um trabalho em grupo e é a possibilidade de estar com o outro que cria esta contenção para os corpos e para os sentires. Em alguns momentos é comigo a conversa ou a solicitação de amparo, em outros é com uma colega. A alegria é partilhada coletivamente, a alegria de se movimentar, de se sentir livre, a alegria da presença e da brincadeira.

EU E O OUTRO

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala.

Isto não seria escuta, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária (Freire, 1997, falta página).

A escuta é parte desta concepção e se manifesta de diferentes pontos de vista. Ao trabalhar corporalmente em propostas que pedem o contato corporal, se faz necessária a percepção dos desejos e limites do outro. Preciso sentir com meu corpo até onde posso chegar no corpo do outro. Escuto com o tato, com o olhar, com os gestos. Se estiver atenta reconheço os medos expressos nos movimentos de afastamento ou no encolhimento. Sinto o cheiro de vergonha no suor ou no rubor que antecede uma cena. Escuto as palavras de recusa ou de alegria em participar, os sons de ai que a depender do tom expressam o receio ou a conquista, seja ela pessoal ou coletiva.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Freire nos fala da não anulação presente na escuta do outro, na possibilidade de escutar e dizer, de sentir-se junto. Nossos encontros na disciplina “Educação, Corpo e Arte” permitiram outra maneira de conhecer, de estar junto e os depoimentos explicitam esta proximidade.

Foi uma total entrega que eu como pessoa e profissional em formação não imaginava vivenciar em uma aula neste curso de pedagogia, uma excelente experiência e lembrança.

Acredito que a função de integração foi uma das práticas teatrais que achei mais interessante.

Essas aulas me proporcionaram experiências que me marcaram, desde o “Jogo dos Espelhos” que me permitiu olhar para o outro, ao mesmo tempo que perceber os limites do corpo e a própria relação com o olhar no olho. Os jogos teatrais que não só reviveram memórias escolares, mas resignificaram minhas lembranças em reflexões sobre a importância da expressão do corpo, da voz e como isso interfere na relação coletiva entre os sujeitos.

Nossa! É pela simplicidade que se dá através do seu interior em contato com o outro e com o grupo que desabrocham diversificados sentimentos. Se expressando, desconstruindo e vivenciando histórias que não te pertence (você se coloca no lugar do outro, e contudo constrói uma outra interpretação para ela, pela sua visão de vida). (...) Sinto que cada aula me sinto mais próxima das pessoas.

Um dos conceitos presentes no exercício teatral é o da alteridade. Na experiência de ser uma personagem descobrimos outros pontos de vista para situações e conflitos que nos atravessam, seja em nossa vida pessoal, seja na compreensão sobre situações sociais de nossa época ou de outras, de nosso espaço ou de outros. Não é apenas o teatro que oferece esta possibilidade, o diálogo ou outras formas de arte também oferecem, a literatura nos transporta para outras vidas, porém no teatro preciso viver este ponto de vista com meu corpo.

Entendo que a disponibilidade para experimentar “ser” de outra forma está firmemente ancorada na confiança no grupo que lhe acompanha. Esta confiança é o que permite a exploração na investigação de outros gestos, outra voz, expressões experimentadas na improvisação de cenas nas quais nos colocamos em outras formas de ver o mundo. A confiança foi retratada nas falas das alunas, foram de fato um grupo.

Agora, sobre as atividades teatrais a que eu mais gostei foi do movimento de confiança, sinceramente desconheço se esta atividade faz parte das atividades teatrais, mas escolhi e irei mencioná-la, pois em virtude desta atividade a minha relação com meus colegas de sala mudou, e como mudou. (...) Desde essa aula, minha relação com meus colegas de faculdade mudou completamente, começamos a nos cumprimentar, a nos tocar, abraçar e enxergar o outro que, antes, passava despercebido todos os dias. E lamento por essa disciplina ocorrer apenas no sexto semestre do curso, pois passei três anos sem conhecer as pessoas que convivo todas as noites, por quatro horas.

As experiências foram muito mais do que superadas, a cada atividade desenvolvida, saía com a sensação de leveza e de descobrimento. Nunca antes na faculdade nós tivemos a experiência de nos tocarmos, de sentirmos uns aos outros ou então sentir a nós mesmos.

Se entregar, essa é uma boa definição! Eu me entreguei muito nessas aulas, sentia minha respiração, sentia o meu corpo falar qual era o meu limite, sentia uma energia muito boa dos colegas, muito boa mesmo. A sala também se entregou por completo, essa entrega pôde ser notada no sorriso e nas falas de angústia de cada um.

Contudo, desde a primeira aula, passou a ser construído na sala de aula um ambiente bastante acolhedor, tanto pelo esforço da professora quanto de cada um dos alunos. Nesse ambiente, aos poucos, foi possível perder o medo de ser ridículo. (...) Creio que tenha contribuído muito para isso o fato de que as atividades propostas inicialmente permitiram que os alunos se conhecessem melhor, e também conhecessem melhor a professora, sem sentir-se tão expostos, e aos poucos, fomos levados a participar de atividades que exigiam um esforço criativo, ou



TEATRO: criação e construção de conhecimento

um contato com os colegas, maior e mais intenso.

Nestas quatro frases é possível observar uma escolha por intensificar pouco a pouco o contato, a interação, a troca. Partimos de jogos que solicitavam estar junto, mas de forma menos invasiva. A aluna que relata o movimento de confiança, está se referindo a dois jogos propostos em sequência na mesma aula. Um deles foi o “João Bobo”, jogo no qual se forma um trio e um dos integrantes é o boneco “João Bobo”, que será balançado de um lado para outro, mantendo-se com o corpo firme. O segundo jogo é em um grupo maior, de sete a oito pessoas e uma delas é carregada deitada por seus parceiros. A altura que será carregada depende da tranquilidade em ser levantada, mas propõe-se que seja sobre a cabeça dos carregadores. Nos dois jogos é necessário que se estabeleça um clima de muita confiança, pois existe, de fato, um risco de que alguém se machuque caso os participantes não sejam cuidadosos com quem é balançado ou carregado.

Na aula na qual realizamos esta proposta, algumas pessoas ficaram com muito medo de serem balançadas ou carregadas, algumas pediram para serem carregadas bem baixo e aos poucos permitiram que o grupo as levantasse mais alto. Muitas se sentiram felizes e gritavam de alegria por “voarem” carregadas pelos colegas.

SABERES DA ÁREA

A criação é parte necessária do ensino de arte. A minha compreensão sobre o papel da arte na educação se baseia na possibilidade de criar com os diferentes elementos das linguagens artísticas, além de outras práticas também importantes. Nos recortes trazidos pelas alunas evidenciamos alguns dos aspectos que denotam a importância de criarmos como forma de conhecer.

A autonomia é um dos aspectos valorizados. Poder fazer escolhas sobre o que criar, sobre como elaborar, sobre a composição que se deseja é uma experiência de autonomia, muitas vezes ausente do espaço

escolar. As escolas ensinam a repetição de muitas maneiras, inclusive nas aulas de artes nas quais solicita-se aos alunos que reproduzam um desenho ou um gesto. No teatro, quase sempre a elaboração das cenas fica a cargo dos professores, que assumem o papel de dirigir, mas que confundem a direção com limitar, com escolher pelo outro.

Da mesma forma que o contato com a obra de arte é insubstituível, não há nada que substitua a experiência de criar. A expressão de alegria e orgulho ao sentir-se capaz de criar denota o sentido que tal experiência adquire. A relação estabelecida com o empenho em tornarem-se professores que não irão *reproduzir ações opressoras* demonstra a potência da criação.

É muita coisa ser ator-artesão de uma peça. É um processo de autonomia que é aprendido — ser apresentado ao significado é diferente de viver o significado.

Gostaria de pontuar o quanto foi gratificante preparar a apresentação para o final da disciplina. Construir as cenas, pensar no roteiro, nas falas, nas personagens, foi uma experiência muito enriquecedora. Este foi um dos poucos trabalhos em grupo que gostei de fazer.

A criatividade também foi um tema recorrente. Fizemos diversos exercícios onde o uso da criatividade era essencial.

Foi muito bom descobrir que nós, apenas alunos de graduação, somos pessoas capazes de produzir arte! Fiquei muito orgulhosa de mim, do meu grupo e de meus colegas ao ver do que somos capazes. Tive certeza que cada um ali se esforçará para romper a lógica da escola e não reproduzir as ações opressoras que debatemos durante o semestre, que cada um ali tentará incluir a arte em suas práticas pedagógicas e que cada um de nós se esforçará ao máximo para romper as amarras que a sociedade nos impõe e proporcionar para os nossos alunos uma educação que seja libertadora.

Refletir sobre o quão forte e necessário é a imaginação na vida das crianças.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

A valorização da imaginação também foi reconhecida nos depoimentos e ressaltado esta frase pela necessidade de que possamos reafirmar a importância de imaginar, não apenas para a criação artística, mas para ampliar horizontes, para criar histórias que poderão ou não se realizar, para ser muitos sendo você mesmo. No processo de me imaginar vou me constituindo.

CONSTITUIÇÃO DE SI/EDUCADORA/SUJEITO

Na verdade, o mundo adulto estava cheio de decepções. Rapidamente aprendi que ensinar era a última opção para diplomados na universidade que fracassavam em conseguir o seu espaço no jornalismo ou em editoras. Os professores de desenho assustavam os olhos e deixavam a mão desajeitada, os professores de canto bloqueavam a voz, os professores de geografia tornavam o mundo árido e uniforme, os professores de religião fechavam o espírito para a maravilha, os professores de educação física tornavam o movimento do corpo uma punição ao invés de uma alegria. A única exceção era o senhor Taylor, que ensinava música sem qualquer entusiasmo, pois o seu verdadeiro interesse era produzir as peças da escola (Brook, 2000, p. 35).

Brook nos apresenta uma escola assustadora. Não há como desejar ser qualquer um destes professores. Vivemos atualmente no Brasil um desinteresse pela carreira do magistério, uma descrença nas possibilidades da escola, uma ausência de sentido em boa parte do que se faz em sala de aula.

A maneira pela qual o corpo é excluído do aprendizado é, sem dúvida, parte deste quadro no qual falta vida, falta brilho nos olhos, falta curiosidade. Na descrição de Brook vemos professores amargurados e sem interesse, que não escolhem o ensino, mas que aí permanecem por falta de opção.

Ainda que não discorde totalmente do Brook, tampouco concordo totalmente. Não acho que os professores escolhem as escolas por não conseguirem nada melhor, acho que muitos escolhem esta profissão por gostarem de ensinar, pelo desejo de possibilitar a outros a experiência de conhecer.

Como formadora de professores já vi muito brilho nos olhos, já me emocionei diversas vezes com relatos de encantamento feito por professoras quando acompanham um aluno fazendo descobertas, compreendendo conceitos, criando.

Mas mesmo para quem é levado para a docência pelo desejo de educar, se vê em muitos momentos sem recursos para manter o interesse, seja dos alunos ou de si. Buscamos com esta disciplina oferecer pistas, promover vivências, dar “régua e compasso” para que cada uma pudesse saber de si. Os depoimentos nos mostram que conseguimos provocar transformações.

O curso me transformou não só como futura educadora, mas como sujeito em um mundo onde as possibilidades não precisam ser tão restringidas.

Ocupar o próprio espaço — refletir sobre minha própria vida e questões emocionais, bem como o papel da escola na sociedade, e meu papel como educadora.

Experiência libertadora e de certa forma provocadora. O ambiente criado durante nossos encontros foi sempre muito positivo e relaxante, deixando explícita a ausência de vitalidade e de humanidade na maioria dos outros ambientes escolares.

Fugindo um pouco do “cotidiano enfileirado” do qual as crianças são sujeitos. Esta disciplina além de nos fazer pensar na inclusão social e interação entre os sujeitos pertencentes ao mesmo espaço, faz também a reflexão acerca da crítica similar a que Foucault denomina como a “disciplinarização dos corpos”, em “Vigiar e Punir” (1975) e assim podemos dar outras janelas de observação e possibilidades aos alunos.

Pensando a contribuição das aulas e da arte em nossa construção como sujeito: a disciplina de “Educação, Corpo e Arte” foi uma grande desconstrução dos nossos conceitos pedagógicos. Cada aula nos despertava uma sensação muito forte de que, ainda que soubéssemos que a escola está longe de ser um lugar pensado para crianças, ela é muito pior do que pensávamos. Ao começar a disciplina sabíamos que o sistema educacional tinha o



TEATRO: criação e construção de conhecimento

intuito de disciplinar a mente dos alunos, mas nunca havíamos problematizado sobre o fato de ele também disciplinar o corpo, o olhar de mundo e o senso crítico destas crianças.

Para sermos bons educadores precisamos assumir que tivemos uma educação que nos limitou, o que nos tornou adultas de olhares cansados.

É importante pensar que na escola, os espaços que temos para escrever coisas sobre as nossas vivências são nulos, ou seja, uma atividade como essa se torna muito difícil, pois não trazemos questões como essas nos espaços escolares. Essas práticas que muitas vezes não nos inclui como sujeito.

Pelo corpo abrimos espaço para a compreensão de si, como pessoa educadora, como sujeito que pode romper com modelos que apagam, que não deixam rastros. Buscamos nestes encontros de quinta-feira trocar possibilidades para não nos tornarmos *adultas de olhares cansados*. No toque, na brincadeira, na improvisação pudemos nos conhecer e encontrar maneiras de ser docente.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica (2014). O que a arte ensina para quem ensina arte. In: *Anais do 26º Encontro Nacional APECV / 2º Congresso Internacional da Riae*. O que a arte ensina para quem ensina arte: Processos de pesquisa do Laborarte/Universidade Estadual de Campinas, p. incluir página inicial e final.

ALBANO, Ana Angélica & PRICE, Graham (2014). *El arte de conectar razón y emoción*. Extraído da publicação: *Artes y Emociones que potencian la creatividad*. Informe Fundación Botín, 2014, p. incluir página inicial e final.

ANTUNES, Arnaldo. *O corpo*. Disponível em: <https://www.lyrikline.org/pt/poemas/o-corpo-5640>.

BROOK, Peter (2000). *Fios do Tempo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

FALCÃO, Adriana (2001). *Mania de explicação*. São Paulo: Ed. Salamandra.

FARIA, Alessandra Ancona de (2010). Uma análise possível para O Jogo Teatral no livro do Diretor. *Fênix: revista de história e estudos culturais*, v. 7, (incluir o número) p. 1 - incluir página final.

FARIA, Alessandra Ancona de (2014). *Imagens da docência: Histórias de vida e a improvisação*. Relatório de pós-doutorado apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP.

FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Concluo este texto com a fala de uma aluna, mais uma fala-presente, que me provoca uma imagem de alguém de braços abertos, rodando no espaço, em um corpo que lhe pertence e que ocupa espaços, que pode ser, que se mantém em movimento, que se transforma e se apropria também de sua formação.

Procurei esboçar neste trabalho o quanto esta disciplina foi importante para a minha formação e para a minha constituição como sujeita e cidadã. Pensar o ensino de arte é também pensar e questionar nossa educação pública brasileira. Procurei expressar minhas angústias, meus aprendizados, minhas reflexões. Tentei deixar um pouco de mim no texto, um pouco de minha confusão, loucura, sonhos, paixões, críticas e minha vontade de aprender e querer transformar. QUIS OCUPAR ESTE ESPAÇO. Quis ocupar as aulas, as exposições, o espetáculo, os textos e minha formação.



KHAN, Aamir (2007). *Como estrelas na terra* [Filme-vídeo]. Índia.

MARTINS, Mirian Celeste. (2011). Arte, só na aula de arte? *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316.

OIDA, Yoshi (2012). *Um ator errante*. São Paulo: Via Lettera.

RIOS, Terezinha Azerêdo (2016). A pergunta filosófica como componente essencial da formação e da prática de professores. *EccoS Revista Científica*, (incluir volume), n. 39, p. 17-28.

SARAMAGO, José (1998). *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Cia. das Letras.